

# Professor Eddy Stols

por Rangel Cerceau Netto (Bolsista CAPES), André Mascarenhas Pereira (Bolsista FAPEMIG) e Paula Elise Ferreira Soares.

Quando fizemos o convite para entrevistar o Professor Eddy Stols, nossa proposta era debater acerca do saber historiográfico e da profissão de historiador. Fomos recebidos por ele, num *Flat* em Belo Horizonte. Com excelente humor, o belga gentilmente recebeu-nos, nas seguintes palavras: “será um prazer conversar sobre a profissão de historiador tal como eu a *experimentei*”. Para nós da revista *Temporalidades* esta colocação demonstrou extrema sensibilidade em relação ao nosso ofício, uma vez que a história é uma área formada por diversas noções, enfoques, posturas e experiências, todas, contudo, voltadas para a busca da objetividade em meio a saberes subjetivos. O professor Eddy Stols é doutor em História pela Universidade Católica de Leuven, na Bélgica. Por aqui esteve durante três temporadas lecionando na UNESP (Marília em 1963 e 1968), na USP (São Paulo em 1987) e na UFMG (Belo Horizonte em 2005 e 2006), além de promover o intercâmbio de diversas outras atividades acadêmicas. Neste clima de interesse pela História, pela alimentação, pelo ambientalismo e pelo cotidiano das relações dos Países Baixos com o Brasil contemplamos os nossos leitores com a entrevista que se segue.

*Temporalidades* - Para iniciarmos a nossa conversa, gostaríamos de saber o que levou o Professor Eddy Stols a experimentar esse campo do conhecimento.

**Eddy Stols** - Na verdade, eu não devia ter caído na história. Meus pais estranharam. Meu pai era um comerciante e esperava que os estudos universitários levassem-me a ser médico e eu escolhi a história. Nos anos de 1957 o campo da história era prestigioso na Europa. A situação do historiador, apesar de estar um pouco em baixa agora, teve uma alta considerável nos anos 1970 e 1980. Bastava entrar numa livraria e ver que havia montões de livros. Talvez fossem os franceses e ingleses que criaram o público maior para a história. O fato é que a leitura e o gosto pela diversidade me levaram para a história.

Quando era criança conheci a Segunda Guerra Mundial. Eu dancei no baile da liberdade, lembro-me ainda do samba, da música que tocava, um samba fajuto: “*ai, ai, Maria, Maria da Bahia...*” Quero dizer que eu vivi a Segunda Guerra Mundial, que foi um transtorno. Eu tive ainda certo conforto porque não passei fome. Todavia, eu vi pessoas como o vizinho da frente ser preso porque tinha tomado cerveja com oficiais alemães no bar. Ele gostava de mostrar que falava alemão. Depois vieram buscá-lo e ele foi levado a chutes para a prisão. Eu vi pessoas vestidas com os pijamas do campo de concentração. Portanto, eu já me colocava vários questionamentos: o que está acontecendo? O que se passa por aqui?

Um outro fator importante é que meu pai vivenciou, na adolescência, a Primeira Guerra Mundial. Ele ficou muito marcado e sofrido. Em nossas conversas ele me contava muito sobre isso. Então, em casa,



eu tinha a história da Primeira e da Segunda Guerra Mundial. Eu também fazia, desde muito cedo, viagens de férias contínuas para ver meus avós que moravam na França. Acho que isso pode ter suscitado um interesse pela diversidade das coisas. Eu colecionava tudo que era diferente. Além do mais, naquela época, não havia antropologia e a história era a única formação que podia satisfazer a minha curiosidade de interesses. Se fosse hoje, talvez, eu tivesse caído na antropologia.

*Temporalidades* - A história é uma área formada por diversas noções, enfoques, posturas e experiências, todas, contudo, voltadas para a busca da objetividade em meio a saberes subjetivos. Sobre isso, o que tem a nos dizer?

**Eddy Stols** - Na Bélgica, a historiografia se beneficiou muito dos impulsos dados por outros campos de pesquisa como a

sociologia, a política, a psicologia e as letras. Sobrava dinheiro nos programas que ofertavam bolsas. Assim me tornei historiador com bolsas do CNPq de lá orientado mais para a pesquisa do que para a docência, apesar de as duas atividades não serem dissociadas naquela época. Você logo começava a trabalhar com seminários, muitas vezes no lugar do professor titular. As aulas nunca eram deixadas de lado.

Naquela época havia um movimento político que caminhava para a divisão do país por uma fronteira lingüística. No norte da Bélgica fala-se flamengo (que nada mais é do que o holandês com pronúncia diferente) e no sul, o francês. Na verdade, isso não é e nem nunca foi um problema, pois a maioria das pessoas, mesmo sem ter escolaridade, tornaram-se bilingües. Mas essa realidade não era muito aceita pelos políticos daquela época que sonhavam com identidades culturais e políticas, a meu ver, completamente desconectadas, falsas, enganosas, e até fajutas, que são incitadas, ainda hoje, por uma minoria de políticos que vivem disso. Enfim, essa guerra lingüística é mais exacerbada na Bélgica, mas ela existe também em outras áreas da Europa e das Américas.

Não sou um marxista, mas fui influenciado pela idéia de que primeiro o que grita é o estômago. Os professores primários, padres, católicos, sacristãos, geralmente considerados intelectuais criaram e continuam criando, identidades fictícias. A meu ver, o historiador, tem que dialogar com outras áreas para formar, no exercício de seu ofício, uma massa crítica e pensante. Por exemplo, é o sociólogo e não o historiador quem dirá que atualmente todo o mundo fala dois idiomas. Eu acho que em certos casos,

alguns historiadores belgas, assim como alguns franceses, acabam por simplificar e mesmo falsificar a História porque não se distanciaram da história. Ainda bem que contamos com alguns recursos na pesquisa histórica que nos permite interrogá-la, para não contentarmos com visões extremamente simplórias ou até mesmo equivocadas.

**Temporalidades** - Hoje em dia, normalmente, os historiadores se especializam em uma temática a qual dedicam toda sua trajetória acadêmica, ainda que a metodologia e o aparato conceitual possam ser reformulados. Já no caso da obra do professor, nós percebemos que existe um enfoque sobre a questão do cotidiano, porém, numa diversidade muito grande de temáticas, tais como arte, botânica, alimentação, escravidão. O porquê desta opção?

**Eddy Stols** - Bom, acho que sou curioso. Para mim, uma planta ou um estilo arquitetônico, ou uma canção, todos estes aspectos valem tanto quanto outros. O cotidiano sempre nos permite interrogar sobre seu uso, sua origem, sua mistura com o outro, sua adaptação. Em Minas Gerais, a tendência é se criar raízes. Obviamente que existem plantas com raízes profundas, mas eu prefiro as que são maleáveis, que se entrelaçam com diferentes copas. É esta diversidade o que mais me fascina. Deve ter sido pela biografia ou pela inconsistência, mas o meu conforto é viajar. Para mim, viajar é escapar não de tudo, pois você se confronta com situações que são semelhantes em qualquer lugar do mundo. Neste sentido, sinto-me bem com afirmações de Levi Strauss, que não via a possibilidade de desprestigiar uma cultura em detrimento da outra. Pelo contrário, não sou um estruturalista, mas fico confortável com a idéia de que as coisas têm aparências diferentes e podem ter algo fundamentalmente igual e semelhante.

**Temporalidades** - Em 1986, André Burguière organizou um dicionário das Ciências Históricas no qual elencou a contribuição de várias escolas historiográficas americanas e européias, dentre essas últimas, a escola belga. No verbete assinado por Leopold Genicot, os historiadores belgas aparecem sobre a influência da historiografia alemã e francesa, embora sempre inovando os imperativos de espaços e fronteiras. Neste contexto, posicione sua obra em relação a essas questões – do espaço e das fronteiras – e em

relação à historiografia mundial, especificamente, a historiografia brasileira.

**Eddy Stols** - Na verdade, o historiador mais conhecido daquela época era Henry Pirenne. Ele acabou escrevendo sobre a História da Bélgica, assim como Braudel escreveu a da França. Pirenne também é autor de um livro que trata das cidades da idade média, com todas aquelas divisões de condados e de reinos. Com isso, acabou criando, digamos, uma escola de historiadores, sobretudo na cidade de Genk (Bélgica), reduto de padres e clérigos. Sua linha de pensamento não era marxista, mas havia muitas semelhanças com o pensamento alemão, do qual vai se nutrir mais tarde Braudel, Febvre e outros. Não há como negar que havia uma influência alemã, voltada mais para o social/econômico.

Com relação à historiografia francesa, podemos citar Pierre Chaunu e Morrou; mas, na minha opinião, a influência francesa, veio com Braudel. Eu conhecia já um pouco os *Annales*, e praticava um pouco esse tipo de história na minha tese sobre os flamengos espanholizados que comercializavam em Sevilha ou em Lisboa, e acabavam voltavam para a Antuérpia, mantendo um estilo quase mediterrâneo em suas vidas. Portanto, era uma forma de mestiçagem.

Conheci também a historiografia alemã da reconstrução, ainda muito perturbada e desnorreada, dos velhos mestres da qual o grande era Leopold Von Ranke, que não era muito dado a grandes teorias. Seu prazer era saber algo novo. É um pouco pobre se comparado a Weber ou a Marx, mas suficiente para satisfazer minha inquietação. A idéia de que não era necessário preencher todos os requisitos da pesquisa, da crítica, da confrontação, etc e etc, para se saber algo novo, me era muito propícia. Não que eu não tenha uma grande preocupação teórica, mas o rigor teórico no Brasil é maior do que conhecia na Europa. Talvez porque quando se vem de um país pequeno como a Bélgica, que é um conglomerado de cidades com culturas muito diferentes, você quer ir sempre contra a teoria dizendo que isso se baseia em dados históricos insuficientes, porque dentro do pensamento teórico há uma idéia do estado nação da qual sou muito crítico.

**Temporalidades** - Analisando alguns dos seus diversos artigos e livros, percebe-se que, dentre os vários conceitos discutidos, estão

os de mundialização, mestiçagem, trânsito e conexão, todos eles articulados às noções de espaços, fronteiras e temporalidades. Por que a opção por estes conceitos? Qual a contribuição deles para as análises históricas atuais?

**Eddy Stols** - Eu não inventei nenhum desses conceitos, mas aceito a cobertura deles. Quando eu insisto muito na mobilidade, na plasticidade, eu diminuo a autodefesa da nossa “civilização ocidental”. Eu me lembro de que as freiras da escola que eu freqüentava, quando menino, tinham um Deus paramentado e viviam dentro de uma espécie de armadura. Hoje, é possível vermos, em Paris, algumas moças usando a burca. São poucas, mas essas coisas me incomodam. Não vamos fazer disso uma questão de civilização, mas trata-se de uma plasticidade. Não sei se com isso eu traio aquele conceito de uma civilização de valores e de coesão, ao qual o historiador, às vezes, precisa trabalhar para reforçar. Sinto-me mais a vontade desconstruindo algumas idéias. Talvez porque eu tenha aderido à desconstrução sem fazer dela uma teoria de novo. Mesmo porque sou muito mais prático do que um teórico. Uso esses conceitos para procurar a diversidade.

**Temporalidades** - A primeira vista, a sua preocupação acadêmica está inserida na relação de diferentes culturas, sob uma perspectiva do cotidiano. Ao mesmo tempo, tem uma atuação alicerçada na diplomacia e no nacionalismo. Em sua obra, o senhor procura relacionar essas duas esferas: cotidiano e política? Como seria (ou é) possível fazê-lo?

**Eddy Stols** - Eu não nego a diplomacia e nem as estruturas políticas (e como parte delas, os Estados). Isto não pode ser negado e nem ignorado, mas valorizo o cotidiano. Por exemplo: a lei proíbe o acesso de estrangeiros à América (EUA). Na prática o que percebemos é que isto já não funciona porque a própria lei política já prevê, através das cartas de naturalização, adaptações. Um outro exemplo é a aceitação dos Flamengos em Sevilha. Eles casaram-se com Espanholas por vários motivos. Talvez, pelo direito a carta de naturalização. Mas creio que muito mais porque as mulheres eram bonitas e faziam boa cozinha. E talvez, até mesmo, porque fossem ricas. Então, eu dou preponderância naturalmente àquela vida vivida do pessoal em trânsito. Não se

pode negar a existência de toda essa estrutura e divisão nacional do mundo, mas acho que é uma construção artificial e não natural.

No caso da minha pesquisa, sobre o naturalista e diplomata Benjamim Mary, o que me fascina é o fato de ele ter aceitado o posto de primeiro encarregado dos negócios, porque ele queria desenhar o mundo diferente. Ele teve a sorte de ter todo o tempo disponível para viajar não se importando muito com a carreira diplomática, embora, vez ou outra tivesse que resolver algum problema como por exemplo, de um Capitão de barco Belga que tinha praticado contrabando na entrada do Rio de Janeiro. É como se, no cotidiano, eu encontrasse as grandes questões políticas. E neste sentido, a política influência o cotidiano neste trânsito. Dessa forma, podemos desmascarar e desconstruir o discurso nacionalista. Afinal, as pessoas que utilizam-se desse discurso não se sustentam, pois não comem diariamente um prato nacional quando se sentam à mesa.-

**Temporalidades** - Ainda enfatizando o peso do cotidiano em sua obra e pensando em seus trabalhos sobre o estudo da alimentação, a impressão que temos é que o senhor considera, por exemplo, a introdução do chocolate na Europa como um evento tão importante quanto a chegada dos holandeses ao Brasil. Essa compreensão é pertinente?

**Eddy Stols** - Sim. Os europeus acham que são os donos do chocolate, o que não o são, evidentemente. É importante observar todos os processos de origem e introdução desses produtos. Afinal, os estudos deles ajudam a demonstrar os aspectos das mestiçagens, das apropriações e das circulações. O chocolate e o açúcar, por exemplo, são carregados de culturas e, sobretudo, de plasticidades, de mobilidades e de transitoriedades através das mãos dos homens que os levam e os trabalham. O Japão, por exemplo, se rendeu ao chocolate, mesmo se dizendo ser uma civilização fechada, que valoriza os aspectos de suas tradições.

**Temporalidades** - Diante do contexto da formação do Brasil e das influências francesas e holandesas nesse processo, se convencionou denominar a região de América Portuguesa até—por volta de 1822. Quais

*foram as influências mais significativas que este território chamado pelos europeus de Novo Mundo, exerceu sobre os Países Baixos?*

**Eddy Stols** - Houve uma grande influência, principalmente porque oferecia aos europeus, especialmente aos moradores dos Países Baixos, a possibilidade de ir para algum lugar. Sempre questiono os historiadores nacionalistas que afirmam que quem saiu dos Países Baixos, saiu por causa da miséria. Eu vim para o Brasil, não foi por miséria, mas sim porque tinha uma certa curiosidade, um certo fascínio. Creio que, durante o período dos descobrimentos, a curiosidade e fascínio se espalharam pelos Países Baixos por causa das notícias trazidas pelos marinheiros portugueses sobre as cidades das Américas. O impacto do Novo Mundo foi muito grande. A prata conquistada nas Américas financiou a guerra dos espanhóis para retomar e fazer da Bélgica o que ela é hoje. Mas os próprios holandeses, ao tomar a prata dos espanhóis, podiam ter criado aquela entidade política. Contudo, naquele momento, a Holanda era muito mais fechada do que se imaginava. Em Amsterdã, havia pouca liberdade para os judeus e os católicos viviam na clandestinidade. A forte identidade da Holanda foi criada, em parte com o dinheiro do Novo Mundo, mas também através da compra de especiarias mediante a prata contrabandeada em Sevilha e Lisboa. Ou seja, o fator econômico teve o seu valor, mas também a arte. A pintura incorporava o imaginário dos índios ou as experiências das pessoas que as relatavam aos artistas e pintores dos Países Baixos quando voltavam do Brasil. Isso tudo permitiu criar uma autoconsciência, autoestima e autopromoção, através dos produtos e dos tesouros da América. Houve a construção de uma prosperidade por meio da rejeição, e também da aceitação, que os europeus apropriaram da América. Principalmente os dos Países Baixos.

**Temporalidades** - Parece-nos que muitos dos seus estudos se voltam para a construção, nos Países Baixos, de uma imagem elaborada do continente Americano. O senhor considera que um Brasil foi inventado pelos holandeses e belgas? (Se sim, como era esse Brasil?) Qual é o papel das fontes iconográficas neste contexto?

**Eddy Stols** - Dentro do contexto da pintura holandesa, os pintores Frans Post e Albert Eckhout tiveram um impacto pequeno, bastante reduzido nos Países Baixos. Eles tiveram repercussão em apenas algumas áreas aristocráticas e burguesas, mais especificamente fora da Holanda. Afinal, Maurício de Nassau vendeu e cedeu grande parte das pinturas que trouxe da América, o que demonstra a pouca importância atribuída a elas. Ou melhor, o não reconhecimento da significação deste trabalho que foi a constituição de um Brasil visual. Acho que nesta análise temos que ser modestos porque, na Holanda, havia concorrência daqueles que pintaram muito das cortes européias. Para os artistas holandeses, representar Constantinopla, Istambul e todo o orientalismo eram fatores de maior importância; e eles o faziam com o maior interesse. Isto não quer dizer que as pinturas referentes ao Brasil não eram ricas e desinteressantes. A questão era de concorrência. É claro que aqui no Brasil, Post e Eckhout tiveram uma visibilidade muito grande, pois não houve muitas representações pictóricas no século XVII. Eles foram quase que os únicos a pintarem o Brasil daquela época. Porém mesmo no Brasil essas pinturas só foram disponibilizadas no Império. O Imperador do Brasil as descobriu na Holanda e as trouxe para o Brasil. Sobre essa questão, acho que tudo tem que ser visto no conjunto da expansão Holandesa no mundo.

**Temporalidades** - Vamos voltar para a década de 1970 e pensar um pouco na sua chegada ao Brasil. Como foi ministrar aulas na USP falando de história da natureza e do cotidiano numa perspectiva mundializada, em um período que as preocupações entre os historiadores daquela instituição eram a revolução socialista e o estudo do político sob forte influência marxista?

**Eddy Stols** - O período na USP foi curto, de apenas três meses, a convite do Prof. Eduardo de Oliveira França, dizem, queria equilibrar o predomínio marxista, sobretudo, daqueles considerados “perigosos” como Fernando Novais, Carlos Motta e István Jancsó. Digamos que, naquela época, eles precisavam de um outro tipo de historiador. Mas eu não me considerava de direita. O fato é que aquele período de trabalho foi um período de descobertas, tendo ainda o privilégio de conhecer e me tornar amigo

de Fernando Novais. Talvez eu tenha sofrido algum choque com o rigor intelectual dele, a partir de uma filosofia da história, mas com reduzida influência na pesquisa histórica. Ou melhor, da pesquisa histórica que eu fazia em relação ao Fernando. Acabei achando muito modesta, mas ele sabe como construir e eu fiquei muito impressionado com isso, vamos dizer com essa provocação que não consigo digerir.

**Temporalidades** - *Antes e depois da formação da Escola dos Annales, vários cientistas sociais, artistas e políticos brasileiros figuravam em rodas de intelectuais internacionalizadas. Como exemplo de contribuições acadêmicas efetivas para o desenvolvimento dos estudos históricos mundiais, pode-se citar a influência da obra de Gilberto Freyre. Nesta perspectiva, o professor observa em sua obra e formação alguma semelhança ou influência de algum intelectual brasileiro?*

**Eddy Stols** - Pessoalmente, gostei do Gilberto Freyre e gosto do Sérgio Buarque de Holanda. Não tenho dúvidas de que, esse último, eu li com maior frequência. Acredito que o mais fascinante para se ler são as crônicas do século XVII, XVIII e XIX, pois são leituras extremamente inspiradoras. O padre Fernão Cardim não é brasileiro, mas sua obra se realizou aqui. Também, o padre Cristóvão de Lisboa, por exemplo, é português, mas criado no Brasil. Já existem algumas traduções inglesas, como a dos diálogos da grandeza do Brasil e uma tradução em inglês do Cristóvão de Lisboa, uma reedição luxuosa. Mas existem tantos outros autores que não são conhecidos na Europa. Não estou falando somente dos autores do final do século XVIII. José Bonifácio, por exemplo, tem muitos escritos que valem a pena serem lidos. Contudo, estão disponíveis apenas em português. E, mesmo neste idioma, não é fácil encontrar uma boa coletânea. Acho altamente necessário tentar reeditar essas obras em outros línguas, porque o idioma português ainda é, em parte, desconhecido, não tendo o mesmo alcance que o idioma inglês naturalmente tem.

**Temporalidades** - *Várias questões relacionadas ao meio ambiente têm influenciado diversos historiadores no mundo a se dedicarem à chamada história ambiental.*

*Como o senhor encara tal temática e qual a relação da mesma com sua obra?*

**Eddy Stols** - Eu produzi um pouco sobre essa temática, quando essa questão ainda não havia sido colocada. Escrevi sobre o roubo de *commodities* no Brasil, e também sobre o tráfico de plantas praticado por caçadores de plantas belgas. Acredito que isto foi o começo de uma expropriação brutal. Afinal, não havia sentido algum colocar em mesas européias, orquídeas arrancadas de várias partes do mundo, transportadas a um alto custo. Contudo, boa parte desta flora foi conservada devido ao desenvolvimento de técnicas que permitiram a reprodução do habitat natural delas, para atender a um mercado consumidor que ainda hoje dá sustentação financeira a estas atividades. De certo modo, isso é ambientalismo ao mesmo tempo em que não é. No fundo tudo isso é muito contraditório. O fato é que o roubo e o tráfico de plantas há séculos atrás permitiram o surgimento, de uma biotecnologia que, hoje, é compartilhada mundialmente. Ou seja, o que fora visto, a princípio, como um processo de destruição, passa a ser de preservação. Acho que devemos refletir mais sobre estes processos.

**Temporalidades** - *Diante dos desafios, expectativas e problemas que as ciências humanas, sobretudo a História, vêm enfrentando no mundo atual, qual conselho daria a alguém que quisesse experimentar a profissão de historiador?*

**Eddy Stols** - O historiador ainda vive sob certa benesse de investimentos públicos na área de pesquisa, mas os recursos estão cada vez menores. Precisamos ter vontade e ser maleáveis, pois hoje a sociedade utiliza a história para seus fins. Ou seja, ela exige que o historiador apresente histórias e inovações, e não “historietas”, para um público cada vez mais consumidor. Os historiadores não podem apenas escrever sobre assuntos no qual sejam “*top specialists*”, sem conectá-los e compará-los a outros temas, sejam eles melhores ou piores, atuais ou não. Por exemplo, ao escrever sobre a Rota da Seda, o historiador poderá contextualizá-la nos diferentes momentos históricos, permitindo-se ainda um diálogo transversal com, por exemplo, a rota do narcotráfico ou o tráfico de armas. É preciso pensar sobre

essas conexões para ganhar certa comunicação dentro do mundo. É preciso fazer disso o seu ganha pão, pois, a História infelizmente tem fome.